



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-mindu-vive/>

O Mindu vive? Lambe-lambe para um igarapé manauara

Gisele Neves Riker [1]

RESUMO: A humanidade anda pensando sobre os Corpos de águas que coabitam a cidade? Normalmente os igarapés são invisibilizados no espaço-urbe. Desaparecem das nossas vistas, pois estamos sempre passando por cima deles com aterros, pontes, asfalto e pneus. Decidem se mostrar quando as águas da chuva o encontram e sua presença transborda, fazendo-nos julgá-los como invasores. Este ensaio visual parte de um deslocamento sobre duas rodas sem utilizar combustível fóssil em busca de respostas para questionamentos frequentes sobre a resistência da existência do Mindu, igarapé mais extenso que habita a cidade de Manaus.

PALAVRAS-CHAVE: Igarapé. Mindu. Deslocamento. Manaus

The Mindu lives? Lambe-lambe for a Manaus igarapé.

ABSTRACT: Is humanity thinking about the bodies of water that cohabit the city? Normally, streams are invisible in the urban space. They disappear from our sight because we are always driving over them with embankments, bridges, asphalt and tires. They decide to show themselves when rainwater finds them and their presence overflows, making us judge them as invaders. This visual essay starts from a journey on two wheels without using fossil fuels in search of answers to frequent questions about the endurance of the existence of the Mindu, the longest creek in the city of Manaus.

KEYWORDS: Creek. Mindu. Displacement. Manaus



*“Os rios são entidades.
Eles não são recursos para nos apropriarmos deles.”*
Ailton Krenak

(Revista Educação, 2023, p. 12)

Morar no Amazonas, estado que divide seus limites com o maior bioma do mundo, é catalisador do meu modo de vida e do espaço em que habito. A proximidade com a floresta não me torna indígena, sou Amazônida. Acredito que ser Amazônida envolve um sentimento de pertencimento à mata e, ao mesmo tempo, habitar uma cidade como Manaus, capital amazonense com mais de dois milhões de habitantes. Trânsito intenso. Clima quente e muita umidade. Apenas duas estações durante o ano: seca e chuvosa. Sol e chuva no mesmo dia. Feiras repletas de tucumã, pupunha, banana, tambaqui, jaraqui, pirarucu, sardinha e farinhas de todos os tipos. Pontes. Prédios. Viadutos. Shoppings. Flutuantes. Parques e Reservas.

Tudo isso entrecortado por mais de 150 igarapés, quase todos poluídos. Na Região Norte os igarapés são caminhos de rio, estreitos e com pouca profundidade correm no interior da mata e das cidades. A maneira como a população manauara se relaciona com seus igarapés sempre me incomodou. Digo isso, pois testemunho com muita tristeza todo o lixo descartado nos igarapés e o sentimento de desprezo pelas águas que o manauara e o poder público insistem em demonstrar. O exercício de pensar o entorno e refletir, nas minhas ações de habitante e artista neste meio, resultaram em uma dúvida recorrente no meu pensamento. Indago-me se o principal igarapé urbano que atravessa a cidade de Manaus, afluente do Rio Negro com mais de 20 km de extensão, apesar de ser submetido diariamente a um grande fluxo de esgoto e resíduos, passando por assoreamentos em vários trechos, ainda apresenta vida e por consequência vive.

Este ser fluido consegue ainda se manter em estado de existência?

Este questionamento parte da percepção indígena que alimenta minha vida e minhas produções artísticas. O Mindu é um organismo vivo. O Mindu é uma entidade. Decidi que deveria caçar indícios de resistências nos arredores do Mindu. Escolhi uma área que está perto de mim no conjunto habitacional em que resido. O Conjunto Tiradentes é atravessado pelo Mindu. Não existem construções à sua margem. A prefeitura sinaliza todo o trecho do igarapé como Corredor



Ecológico do Mindu, sendo assim, uma área verde permanente. De bicicleta percorri as ruas do conjunto em direção a uma pequena ponte, dela podemos ver correndo as águas cor de lama do Mindu. É um caminho rápido e não se demora para percorrê-lo, passei 50 minutos para realizar algo que pode ser feito em 20. Esse deslocamento pedia sensibilidade e eu não queria me contaminar pelo ambiente das ruas vizinhas ao Mindu, espaço propício para abandonarmos a sensibilidade pela velocidade. Levei minha máquina e fui registrando as imagens que para mim eram indícios da persistência da natureza em existir.

A primeira cena que me toma a atenção é o crescimento de vegetação nos pés de concreto da torre da linha de transmissão de energia instalada por toda a área verde. São torres gigantescas de aço, sua presença quase chega a ser camuflada pelo entorno repleto de árvores, talvez quem passe por ali de carro não perceba esse objeto monumental nas adjacências do conjunto.





Registro então com muito entusiasmo as plantas que crescem escondendo e engolindo aos poucos o grande bloco que ali existe. A aparência fria do concreto é modificada pela verde vida. Compreendo que a natureza acolhe este corpo estranho tornando-o um lugar habitável. A natureza resiste. A natureza retoma o espaço. Meus olhos continuam a caçada. Subo num banco de concreto na beirada da rua e capturo a paisagem verde que se apresenta com uma diversidade encantadora de árvores, sei que mais adiante as margens do Mindu estão próximas. Meus olhos continuam a caçada.



MINDU



No asfalto um grupo de formigas recorta pedaços de algo que acredito ser vestígios de uma Embaúba, árvore bastante presente na Região Amazônica, seus frutos compridos e vermelhos quando maduros se tornam alimento preferido das preguiças. Vejo muita beleza na cena, a vida que pulsa ao redor do Mindu é inegável, nem tudo está perdido, eu reflito e, enfim, tiro algumas fotografias. Caminhando perto da grade que delimita este corredor ecológico descubro um pequeno córrego que entra na mata, apesar de suas águas serem transparentes não é uma nascente que vejo e, sim, um esgoto. Não é preciso olhar para concluir que seu destino é o igarapé mais a frente. Ao redor muitas plantinhas e algumas bananeiras continuam de pé e verdejantes. A natureza segue resistindo.





Retomo o trajeto e fico tensa em dividir um pequeno espaço na borda da rua com inúmeros carros, caminhões, motos e ônibus. Vida de ciclista não é fácil. E a vida do Mindu também não. Nas imediações da área verde é possível ver o trabalho das pessoas em limpar e cuidar de algumas plantas, delimitando com pneus algumas mudas e juntando folhas secas nos seus troncos. Que alívio!, penso eu. Alguns moradores parecem se importar com este pedaço de terra que não tem dono. Sigo. Mais alguns minutos pedalando e chego à ponte. Meu encontro com as águas do Mindu que correm lentamente para desaguar no Rio Negro é triste.

Encaro suas margens e vejo muitas sacolas plásticas engatadas na vegetação, muito lixo, muito plástico. O mau cheiro é inevitável. O fluxo das águas parece lento, talvez demonstrando uma falta de vontade em correr. Uma tentativa de adiar que toda a poluição presente em suas águas encontre o rio.

O igarapé resiste.

Lembro do líder indígena Ailton Krenak, que canta e reza para o Rio Doce se curar da lama de Brumadinho. Faço uma oração para o Mindu. Meus olhos se enchem de lágrimas. Deixo que elas corram. Não registro as águas escuras e nem todos os resíduos deixados pela população. Não tenho interesse em capturar esta cena. Volto para casa com a resposta das minhas dúvidas a respeito da existência do Mindu e decido que estes questionamentos não devem habitar somente meus pensamentos. Outras pessoas devem se perguntar isso também. Escolhi algumas fotos e preparei uma peça gráfica com a pergunta O MINDU VIVE?

Fiz um lambe-lambe no muro da quadra de basquete da praça do conjunto. Deixei essa pergunta para quem frequenta o lugar próximo desse habitante líquido e talvez nem saiba da sua existência. Desejo que reverbere em seus sentimentos um resquício de empatia pelo Mindu.

Tudo ao redor do Mindu resiste.

Sim, o Mindu vive, mas vive mal.





Revista ClimaCom, “Manifesto das Águas” / pesquisa – ensaios / ano 12, nº 28, 2025

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Artista multimídia e Doutoranda em Poéticas Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: gi.riker@gmail.com